

# Fortalezas Romanas do Sul de Portugal

MANUEL MAIA

RESUMEN: Algunas fortalezas de las que ya se habló durante la última centuria han sido redescubiertas en el sur de Portugal.

Las autoridades clásicas no hacen mención de acontecimientos políticos ni militares en esta parte del país. Sin embargo, este grupo de 17 fortalezas construidas durante el primer cuarto del siglo I evidencian al menos eventuales alteraciones puestas de manifiesto en las excavaciones realizadas por Manuel Maia. Este autor intenta una tipología de estos monumentos, de acuerdo con sus especiales características arquitectónicas y las propias excavaciones arqueológicas.

SUMMARY: Some Roman fortresses have been recently refound, in the South of Portugal. They had already been pointed out at the beginning and, again, at the end of the last century.

The classical authorities do not mention any political or military events in this part of the country, during the roman period. Nevertheless, this group of 17 fortresses, built in the first quarter of the I century b.C. —as it is proved by archeological research carried on at Manuel Maia (Mértola, Portugal)— apparently demonstrate the existence of eventual troubles.

The A. tries a typology of these monuments, according to their architectonic characteristics and to the archeological finds.

Quando no início da década de sessenta foi descoberto e parcialmente escavado o Castelo da Lousa<sup>1</sup>, ficaram os arqueólogos portugueses um tanto perplexos com esta construção que se considerava isolada e cujo único fim aparente seria o de vigiar um trecho do rio Guadiana.

Nenhum investigador dessa época se recordou que monumentos do mesmo tipo tinham já sido descritos nos inícios do século XIX por Frei Manuel do Cenáculo<sup>2</sup> e que já no final desse mesmo século

Gabriel Pereira<sup>3</sup> e José Leite de Vasconcelos<sup>4</sup> os viram e classificaram como castelos romanos.

Estes dois autores, porém, motivados por outros vestígios que consideravam mais importantes, o Castelo da Cola e as necrópoles ibéricas, limitaram-se a dar sobre as fortalezas breves apontamentos sem se preocuparem em realizar um estudo mais aprofundado sobre elas.

No núcleo mais importante, o de Castro Verde, temos conhecimento de que Manuel Heleno teria

<sup>1</sup> AFONSO DO PAÇO, BAÇÃO LEAL e outros: *Castelo da Lousa (Mourão)*, in Boletim da Junta Distrital de Évora, pp. 193-203, Évora 1965.

<sup>2</sup> FREI MANUEL DO CENÁCULO: *Graças concedidas por Christo no campo de Ourique acontecidas em outros tem-*

*pos e repetidas no actual conformes aos desenhos de suas idades*, Lisboa, 1813.

<sup>3</sup> GABRIEL PEREIRA: *Notas D'Archeologia-Montes fortificados da Cola e Castro Verde*, Évora 1897.

<sup>4</sup> LEITE DE VASCONCELOS: *O Archeologo Português*, Vol. XXIX, 1930-31, pp. 230 s.

explorado uma fortificação. Ignoramos, porém, quais os resultados obtidos.

Mas de que tipo de monumento se trata e qual a sua distribuição geográfica?

Sobre a primeira questão apenas podemos dizer que estamos perante pequenas torres, de um modo geral com não mais de 15 m de lado na sua parte central, implantadas em colinas de cota pouco elevada e cercadas por outeiros de maior altitude. Por um dos flancos ou mesmo por dois deies correm sempre pequenos cursos de água.

Tentámos já encontrar paralelos para estes edifícios mas, até ao presente essas buscas têm sido infrutíferas.

Estas pequenas torres não se assemelham às fortificações do Limes da Germânia, não são cronologicamente aparentadas com as do Limes Tripolitanus, pouco têm em comum com as fortificações da Britânia. Pensámos ainda que, pela sua proximidade, algo se poderia encontrar de semelhante nas fortificações ibéricas da Bética<sup>5</sup>. Porém, não só aquelas são, de um modo geral, monumentos de maior porte como também a sua cronologia é diversa. As fortalezas da Bética terminam nos primeiros tempos da dominação romana ao passo que estas torres são de fundação romana e, tudo o leva a crer, foram edificadas no primeiro quartel do século I AC.

Não existem, portanto, paralelos em monumentos de idênticas funções para estas fortalezas do sul de Portugal.

A mais setentrional das fortalezas, excluindo o Castelo da Lousa, situa-se no cerro da Mangancha, sobre Aljustrel, e as fortificações estendem-se em duas direcções: Para sudeste por Castro Verde, Almodôvar, Mertola e Alcoutim e para sudoeste por Messejana, Garvão e Santa Luzia.

É no grupo que se estende para Sudeste que se nota uma maior unidade ainda que, aparentemente não se possa pensar numa linha.

Entre Aljustrel e Castro Verde, numa distancia superior a 20 km não foi ainda localizada uma única fortaleza. Porém, junto desta última localidade existe um nucleo de cinco torres como que formando um circulo largo, sendo sempre possivel de uma delas avistar pelo menos outra. Depois somente cer-

ca de 10 km mais a Sul nos aparece um novo monumento isolado, no conselho de Almodôvar e novamente um largo vazio de mais de 20 km até à zona de Mertola onde se localizam mais três fortalezas. Para Sudeste ficam as duas últimas identificadas até aqui separadas por longa distancia, estando a última implantada na margem direita do Guadiana, alguns quilómetros a Sul de Alcoutim.

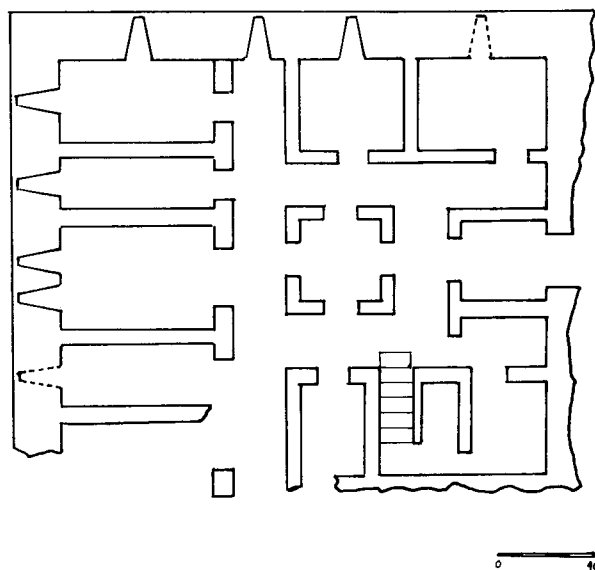


FIG. 1. Planta do Castelo da Lousa segundo A. do Paço e Bação Leal.

Para Sudoeste apenas três monumentos deste tipo foram localizados: o da Messejana, o de Garvão e o de Santa Luzia.

Qual a finalidade destas construções defensivas?

Não existem na zona importantes vias de comunicação que podessem ser defendidas ou vigiadas destas torres. A região é pobre sob o ponto de vista agrícola mas rica em minérios. Seriam vigias para proteger as minas?

<sup>5</sup> J. FORTEA - J. BERNIER: *Recintos y Fortificaciones ibéricas en la Bética*. Memorias del Seminario de Prehistoria y Arqueología, 2, Salamanca, 1970.

Que perturbações politico-militares poderiam nesta zona (que, segundo as fontes clássicas, tão parcas em informações, estaria pacificada havia meio século) levar á construção destes edificios militares?

As cronologias mais recuadas que possuímos são aproximadamente contemporaneas das Guerras de Sertório, mas, não há noticia de combates nesta região. E mesmo que tenha sido esse o motivo da sua construção porque se mantiveram até aos inícios do século II ou, como nalguns casos por todo este século?

São estas as várias questões para as quais ainda não temos resposta.

A recente descoberta de outros monumentos similares numa região mais ao norte poderá vir a lançar um pouco mais de luz sobre estes problemas.

Por uma questão metodológica dividiremos este núcleo de fortalezas em três tipos.

Ao primeiro tipo corresponderão as construções que, como o Manuel Galo<sup>6</sup>, seu protótipo, têm uma implantação característica, sobre uma colina de cota pouco elevada, com uma ou mais plataformas correspondendo a outras tantas linhas de muralhas, com um ou dois pequenos cursos de água com abundante material romano à superfície.

A um segundo tipo corresponderão as fortificações morfológicamente semelhantes às do tipo I, mas em que se nota uma quase total ausência de espólio à superfície.

Um terceiro e último tipo será constituído por monumentos implantados em pequenas mesas com uma das vertentes abrupta e a outra com uma inclinação um pouco mais suave. Os materiais são abundantes à superfície destas estações.

Passaremos, em seguida, a descrever individualmente estas torres tentando, sempre que possível, atribuir-lhes uma cronologia e enquadrá-las dentro do respectivo tipo.

Começaremos pela fortaleza da Mangancha, situada sobre um cerro elevado a Norte da povoação de Aljustrel (n.º 1 do mapa).

Pertencendo ao tipo I esta fortaleza tem, porém, a particularidade de estar edificada sobre uma elevação mais alta que o normal. À superfície do terreno foram recolhidos fragmentos cerâmicos datando dos séculos I AC e I DC.

Ruy Freire de Andrade e Claude Domergue<sup>7</sup> realizaram aqui escavações mas apenas publicaram os materiais do nível pré-histórico sem darem qualquer noticia das construções e da ocupação do período romano.

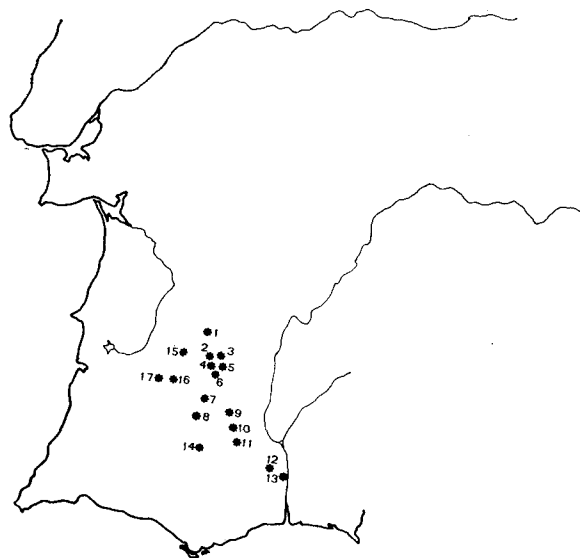


FIG. 2. Mapa de distribuição das Fortalezas Romanas do Sul de Portugal.

Castelo da Amendoeira (n.º 2 no mapa). Trata-se igualmente de um monumento do tipo I. Situada sobre uma colina de cota muito baixa a cerca de 3 km para leste de Castro Verde, esta fortaleza apresenta nitidos sinais de ter sido profundamente escavada, pelo menos em alguns sectores. Embora não haja qualquer referência escrita pensamos que terá sido este monumento o escavado por Manuel Heleno.

Não foram, porém, identificadas com segurança, no Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa, onde aquele arqueólogo depositava os materiais recolhidos nas escavações, quaisquer peças provenientes desta estação.

<sup>6</sup> MANUEL MAIA: *Fortaleza Romana do Monte Manuel Galo (Mértola)*, in Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia, Porto 1974.

<sup>7</sup> RUY FREIRE DE ANDRADE E CLAUDE DOMERGUE, in Conimbriga X, 1970.

Castelo das Juntas (n.º 3 no mapa). Na confluência das ribeiras de Cobres com a de Maria Delgada, cerca de 2 km para Leste do Castelo da Amendoeira, localiza-se a maior de todas as fortalezas, a das Juntas, igualmente do tipo I.

À superfície e em pequena sondagem aqui realizada, foram recolhidos alguns fragmentos de cerâmica campaniense que, apesar de ainda não estarem completamente estudados, nos permitem já uma atribuição cronológica à primeira metade do século I AC e um fragmento de «Terra Sigillata» Hispânica datável do século II DC.

Notam-se ainda os vestígios de uma série de torres e de rampas que comunicariam entre os diversos níveis da fortaleza.

Castelo de Vale de Mértola (n.º 4 no mapa). A cerca de 1,5 km para Sudeste do Castelo da Amendoeira, na margem direita da ribeira de Maria Delgada ergue-se esta fortaleza também do tipo I.

Os materiais são tipicamente romanos não permitindo, porém, uma cronologia segura.

Castelo da Cerca da Zorra (n.º 5 no mapa). A cerca de 1 km para Leste do Castelo de Vale de Mértola ergue-se este outro monumento do tipo I.

Os materiais são abundantes e fazem pensar numa utilização até época um pouco mais tardia. Contrariamente ao que é habitual nos outros monumentos deste tipo, na Cerca da Zorra vêem-se à superfície grandes placas de «opus signinum».

No interior desta construção foram em tempos modernos plantadas oliveiras e, para desimpedir o terreno e facilitar o tratamento das árvores, os agricultores colocaram as pedras que aí existiam sobre as antigas paredes do edifício romano pelo que a planta e parte do alçado são ainda bem visíveis.

Castelo dos Namorados (n.º 6 no mapa). Situa-se a cerca de 3 km para Sul do Castelo de Vale de Mértola.

Trata-se também de um monumento do tipo I.

Procedeu-se aqui a uma campanha de escavações que, além de ter fornecido materiais dos séculos I e II dC revelou uma planta semelhante à do Manuel Galo, ainda que mais simples.

Em relação a esta estação passa-se um fenómeno que não deixa de chamar a atenção. É o facto de, aparentemente, em época posterior à da ocupação militar do monumento este ter sido reaproveitado por uma vila romana de grande extensão que, en-

tretanto, se tinha formado e estendido junto da construção militar.

Até ao presente, porém, não foram recolhidos na fortaleza elementos posteriores ao século II.

Castelo dos Mestres (n.º 7 no mapa). Aproximadamente a 10 km para Sul do castelo dos Namorados, na povoação de Mestres, concelho de Almodôvar, localiza-se mais um monumento do tipo I.

Edificado numa colina e aproveitando um afloramento rochoso, apresenta ainda troços de muralha.

A cerâmica aqui recolhida à superfície fornece-nos uma cronologia dos séculos I e II dC.

A aproximadamente 15 km a Sudoeste desta fortaleza localiza-se uma outra:

Castelo de Almodôvar (n.º 8 no mapa). Este monumento pertence ao tipo II.

A ausência total de materiais à superfície que leva a classificá-lo dentro do tipo II, não permite uma determinação cronológica mas a localização, a forma e espessura e a construção dos muros consente que incluamos esta edificação neste conjunto de fortalezas romanas.

À distancia de 30 km para Leste desta última fortificação, na margem esquerda do rio Oeiras situa-se mais uma construção militar do tipo I.

Castelo da Fonte Santa (n.º 9 no mapa).

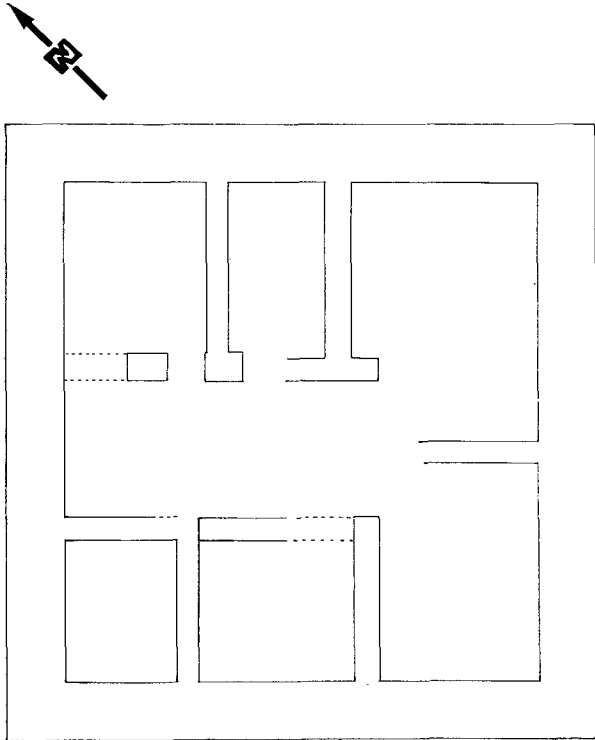
Os materiais recolhidos à superfície desta fortaleza, cerâmica campaniense e algumas sigillatas, permitem datar este monumento de pelo menos os séculos I aC e I dC.

Castelo do Papa Leite (n.º 10 no mapa). Pertence ao tipo I e situa-se a cerca de 10 km para sul da fortaleza da Fonte Santa.

Os materiais juncam o solo e são particularmente abundantes os datáveis dos séculos I aC e I dC. À superfície, porém, apareceu um fragmento de Terra Sigillata Clara D o que nos leva a alargar a cronologia da ocupação desta fortaleza até pelo menos ao século IV dC.

Como, no entanto, os materiais mais abundantes são indubitavelmente os de cronologia mais recuada, nomeadamente Terra Sigillata do primeiro período de fabrico, bocas de ânforas republicanas, etc., faz-nos pensar em que nesta fortaleza se terá passado um fenómeno semelhante ao que eventualmente terá ocorrido nos Namorados, ou seja, a ocupação posterior do edifício para um fim diverso daquele para que teria sido construído. Parece-nos poder vir

a confirmar esta hipótese o facto de, na base da colina, existirem vestígios de construções que aparentemente, nada têm que as relacione com a fortificação (falaram-nos na existência de grandes tanques em formigão; possivelmente tratar-se-à de piscinas de termas).



Esc. 1:200

FIG. 3. Planta do Castelo dos Namorados.

Manuel Galo (n.º 11 no mapa). Situa-se esta fortaleza, protótipo do tipo I, a escassos 5 km para Sul do castelo do Papa Leite.

Já aqui se realizaram três campanhas de escavações, pelo que é este o monumento mais bem estudado ainda que o resultado definitivo esteja longe de ser alcançado.

Como sucede na grande maioria das fortalezas do tipo I, o seu aspecto geral é o de três paralelepípe-

dos sobrepostos, aparentando uma pirâmide de degraus. A escavação veio a demonstrar que a cada um destes paralelepípedos correspondia uma ordem de muralhas, no interior das quais se distribuíam os diversos compartimentos.

O reduto central, o superior, é o mais forte, rodeado por muros de 2 m de espessura, formando um quadrilátero com 15 m de lado. As paredes dos compartimentos interiores tem a espessura de 1 m.

As diversas divisões distribuem-se de ambos os lados de um corredor que atravessa a fortaleza na direcção Este-Oeste.

No ângulo Sudeste do monumento ergue-se uma torre maciça que serviria de vigia e defendia esta zona da fortificação que, para Sul, não tem as três ordens de muralhas, mas apenas uma, a central.

As escavações sistemáticas aqui realizadas revelaram-nos uma cronologia muito segura e que está mais ou menos de acordo com a dos materiais recolhidos à superfície de outros monumentos similares, principalmente no que concerne à data do início da ocupação: primeiro quartel do século I aC.

A data de abandono desta edificação militar está também aqui determinada com o máximo rigor porque segundo a estratigrafia de quase toda a parte superior do monumento e a da terceira plataforma, zonas onde as escavações estão mais avançadas, a construção teria sido incendiada e abandonada nos primeiros anos do século II dC. Esta cronologia foi determinada através de algumas peças de Sigillata Clara A, de Sigillata Hispânica e de uma lucerna datável igualmente deste período, materiais encontrados na camada de abandono, a qual constitui um estrato de 5 cm de espessura formado por carvões e cinzas e que demonstra plenamente ter a edificação sido abandonada depois de um incêndio que, somos levados a crer, foi provocado pelos ocupantes no momento em que resolveram abandonar a fortaleza, como o parece provar a escassez de material na camada de abandono que não é, de modo algum, reveladora de precipitação de fuga...

Todos os períodos da história romana desde a fundação da fortaleza no primeiro quartel do século I aC até ao abandono, nos primeiros anos do século II dC, se encontram documentados principalmente através das diversas fases da evolução da cerâmica. Os materiais metálicos escasseiam. Apenas foram recolhidas quatro fibulas de Aucissa, e dez moedas

que, porém, abarcam grande parte do período de ocupação. O ferro é quase inexistente e os materiais que nos surgem neste metal estão de tal maneira atacados pela oxidação que dificilmente são identificáveis. De notar nesta fortaleza, a mais intensamente explorada, a total ausência de materiais

sòmente uma pequena parte do espólio esteja publicada, o seu estudo revela que os objectos datáveis do século I aC são particularmente abundantes o que, aliás, é normal nesta região do Sul de Portugal, de onde provem a maior parte das cerâmicas campanienses, das ânforas républicanas e dos numismas anteriores ao Imperio, recolhidos neste País.

Castelo de Alcaria Cova (n.º 12 no mapa). Situada já na província do Algarve, cerca de 15 km para Sul do Manuel Galo é esta mais uma fortaleza do tipo I.

O material escasseia à superfície mas foi possível recolher uma asa de ânfora de fabrico hispânico e datável do século I da Era.

Castelo de Guerreiros do Rio (n.º 13 no mapa). Localizado a cerca de 10 km da fortaleza de Alcaria Cova, na margem direita do Guadiana, concelho de Alcoutim, este monumento, pela quase total ausência de materiais terá que ser colocado no tipo II. Os muros e a sua implantação topográfica leva-nos, porém, a incluí-lo nas fortalezas romanas.

Situado na margem do rio que era elo importante das relações comerciais no periodo romano, está edificado sobre a via que de Baesuris se dirigia a Pax Julia, passando por Myrtilis.

É esta a mais meridional das fortalezas até agora localizadas.

Para Sudoeste do Manuel Galo, no concelho de Almodôvar existe uma outra fortificação que consideramos o protótipo do tipo III.

Quintã de Dona Maior (n.º 14 no mapa). Implantado sobre pequena colina com uma das faces abruptas e constituindo uma pequena mesa o monumento tem algumas características que levam a classificá-lo preliminarmente como fortaleza romana.

Os materiais abundam, principalmente os cronologicamente atribuíveis ao século II.

Passamos agora para outra linha que, de Aljustrel se dirige para Sudoeste.

Castelo da Messejana (n.º 15 no mapa). É a mais Setentrional das fortificações deste grupo e é classificável como pertencente ao tipo II dada a ausência de material.

Sobre o monumento romano foi construída na Idade Média uma Torre ou Atalaia de vigia nas

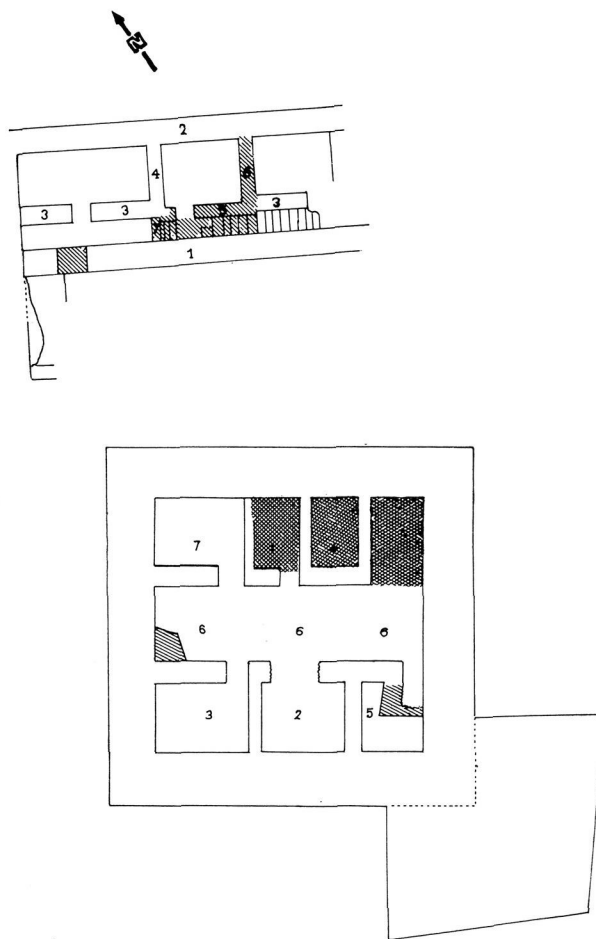


FIG. 4. Planta do Castelo do Manuel Galo.

pré-romanos, o que nos leva a concluir que a sua construção terá que ser do período romano e não anterior, como tem sido pretendido<sup>8</sup>. Ainda que

<sup>8</sup> JORGE DE ALARÇÃO: *Portugal-Romano*, 1.ª edição, 1973.

paredes da qual se vêm algumas pedras nitidamente aproveitadas.

Castelo de Garvão (n.º 16 no mapa). Junto da povoação do mesmo nome é a mais meridional das fortalezas da linha Sudoeste.

Enquadra-se no tipo I.

Não são visíveis restos de muros mas na encosta notam-se os sucalcos característicos destas edificações. À superfície vê-se espalhada grande quantidade de espólio datável dos séculos I aC e I dC, nomeadamente Terra Sigillata e uma moeda republicana.

Castelo de Santa Luzia (n.º 17 no mapa). Alguns quilómetros para ocidente de Garvão, pertencente ao tipo III, é a mais ocidental destas construções.

À superfície da mesa que caracteriza estas estações é particularmente abundante o espólio do século II dC.

Temos, portanto, um conjunto de monumentos com várias características comuns, o tipo de construção em xisto, não ligado com cimento, os muros com uma espessura de 2 m na recinto central, como nos Namorados, Manuel Galo e Almodôvar, o material nunca anterior ao século I aC e com uma forte concentração neste século e no seguinte, com as excepções dos monumentos do tipo III, o Castelo dos Namorados em que o espólio é essencialmente do século II e o do Papa Leite onde, apesar de ser percentualmente mais abundante o espólio de cronologia mais recuada existem também alguns objectos tardios.

As causas políticas que levaram à construção deste tipo de monumentos continuam, porém, ignoradas.

Lisboa, 30 de março de 1977